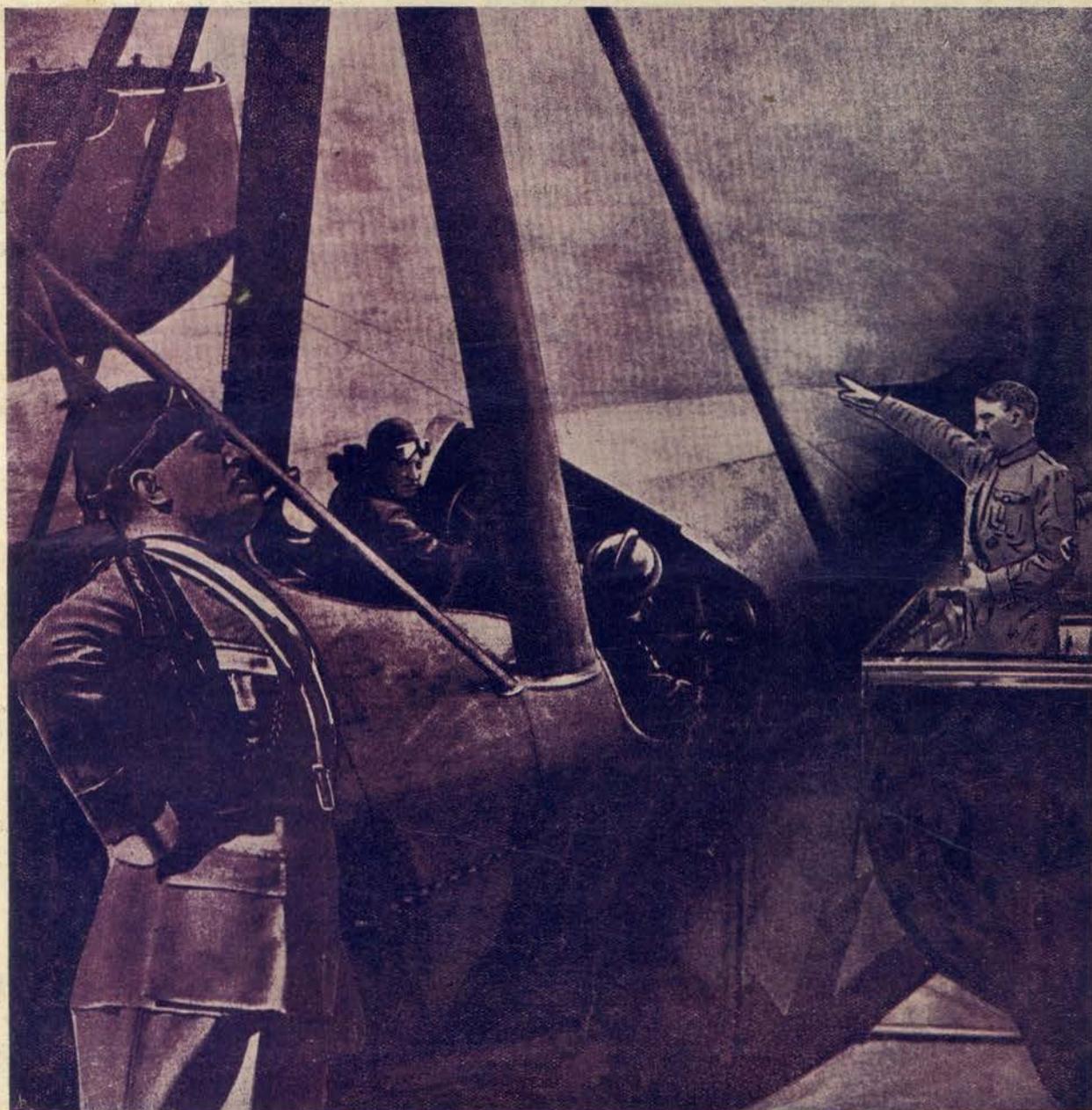


Semanário de  
Actualidades e Reportagens  
N.º 123 — ANO III

Preço 1 Escudo

# repor-tei.

**SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS**



**LER NESTE NÚMERO: — Homens e Factos do Dia — (O lellão de jazigos) — Duce, Hitler & C.<sup>a</sup> — Uma reportagem à República Espanhola — ¿ Nos manicómios há homens sãos? — O crime da Pôça das Feiticeiras — Rolão Negro — A tragédia dos mineiros de Harlan — Um caso de vocação... — Ronda semanal, etc., etc.**



Propriedade de EDIÇÕES X LIMITADA

Director e Editor

REINALDO FERREIRA  
(REPORTER X)

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E  
: : : EXPANSÃO EM PORTUGAL : : :  
GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS  
: ACONTECIMENTOS NACIONAIS E ESTRANJEIROS :

Sai às sextas-feiras e é pôsto à venda  
simultaneamente em todo o país

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua Sampaio Bruno, 12-5.º  
PORTO

Comp. e Imp. na Tip. e Enc. Domingos de Oliveira, Campo Mártires da Pátria, 144-A—Pôrto

N.º 123 — ANO III

Sexta-feira, 19 de Maio de 1933

REDACTORES NO PÔRTO

Reinaldo Ferreira (Reporter X)

Fernando Cal

J. Vieira Alves

Hugo Rocha

Guido Severo

Santos Pereira

REDACTORES EM LISBOA

Alfredo Marques | Noberto Araujo  
Artur Portela | Sa Pereira  
Jaime Brazil | Santos Vieira

3 meses — série de 12 números

Esc. 11\$50

6 " — " " 25 "

Esc. 22\$50

12 " — " " 50 "

Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os  
respectivos portes

PAGAMENTO ADIANTADO

## ESPECTACULOS

DO PORTO

### TEATROS

**Sá da Bandeira** — Grande successo da companhia Berta de Bivar e Alves da Cunha, com a famosa peça «O animador»; protagonista Alves da Cunha.

### GINEMAS

**S. João** — A encantadora Lilian Harvey, na mais sumptuosa produção: «A imperatriz e Eu» com Charles Boyer e Pierre Brasseur.

**Trindade** — Um formidável programa da «Fox». A engraçada comédia, «Embaixador sem Cerimónia» com Nill Rogers e Greta Nissen. A excelente comédia em Espanhol: «O Bandido Mascarado» com o apreciado galã José Mójica.

**Olimpia** — Uma célebre produção Sonora. «A grande Parada», o mais romântico filme da guerra, com Jonh Gilbert e Karle Dane (Slim).

**Batalha** — A engraçadíssima comédia «Marido infiel» com a linda «vedeta» Lissi Arna.

DE LISBOA

### TEATROS

**Apolo** — Continua obtendo grande êxito, a desopilante revista «A festa brava». Sempre números novos.

**Maria Vitória** — A incomparável revista, «As lavadeiras».

**Politeama** — A aplaudida revista «Cantiga Nova». Lotações esgotadas e está dito tudo.

### GINEMAS

**Tivoli** — Uma das melhores interpretações de Douglas Fairbanks: «O Robinson Moderno».

**S. Luís** — A assombrosa super-produção, «A parada dos monstros».

**Condes** — O incomparável filme, «Dirigível».

**Odeon** — A encantadora opereta, «Pernas ao ar».

**Lys** — A engraçadíssima comédia, «Minha mulher noiva de outro».

## MAIS FINA

É a saúde das crianças,  
porque é uma FARINHA  
PURA; é a delícia dos  
adultos, porque com ela  
preparam-se

SOBREMESAS MARAVILHOSAS

## Tranquibernias na A. de Assistência de Espinho

Bem contra nossa vontade e por motivos imprevistos, não nos é possível inserir neste número, a continuação desta reportagem; contudo, na próxima semana, seremos infalíveis, para que luz se faça sobre este caso.

Nos últimos dias, inúmeras pessoas se nos têm dirigido, prestando-nos o seu apoio. A todos, os nossos agradecimentos.

## No próximo número

Sensacionais reportagens

## COLÉGIO DE S. LUÍS

Curso geral dos liceus, comercial industrial e primário

ESPINHO — PORTUGAL

## Teixeira de Abreu, & C.a

Largo Prior do Crato, 32 a 37 — GUIMARÃES

Telegramas Teixeira Abreu Telefone 25

Fabrico especial de panos de linho de Guimarães — Premiada na Exposição de Paris de 1900 — Atoalhados, panos de Algodão, lenços, colchas de seda e de algodão, bordados, etc.

## Correspondencia

Tôda a correspondência sobre assuntos da redacção, administração e publicidade, deve ser dirigida a Edições X, L.ª, rua de Sampaio Bruno, 12-5.º — Pôrto.

## Reporter X em Lisboa

Retirou no último sabado para a Capital, onde ficará a dirigir a delegação do Reporter X, o sr. J. Vieira Alves, que há bastante tempo vinha chefiando a nossa redacção.

Para o substituir no desempenho destas funções, foi integrado no cargo, o nosso camarada Santos Pereira.

Único no sabor e aroma

# CAFÉ SUIÇO

Moído e em chávina

PÓRTO

NO acaso das buscas que tenho empreendido ultimamente para a arquitectura de um drama biográfico sobre Camilo — amaldiçoada uma boa dose de elementos respeitantes a uma das suas mais dolorosas e aflitivas heroínas — essa desgraçada Fanny Owen, sacrificada no auto de fé da sua própria paixão e da paixão que despertava em José Augusto Pinto de Magalhães. Não ignorava a tragédia; recordava ainda as lágrimas e a comoção com que lera, na aurora dos primeiros entusiasmos literários, aos dezasseis anos, a narrativa desses desventurosos amores; intriguei-me sempre ante a enigmática intervenção de Camilo nesse assunto — parecendo misen-scená-lo como quem inventa um romance ou quem quer experimentar nos outros a cicuta que pensa ingerir depois — e por mais de uma vez evoquei o drama e seus personagens — em artigos de jornal ou em idealizações novelescas. Contudo, nunca como agora, em posse quasi total de todos os informes seleccionados a esse caso camiliano, senti a vibração de uma curiosidade forte, simultânea a uma amarga e profunda piedade por esses dois desgraçados que se amaram — torturando-se até à morte... Os personagens desempastelaram-se do friso literário, em que sempre os conheceria, obrigaram-me a recuar até à sua época, a conversar com eles, a assistir ao seu tormento, nos bastidores da sua própria existência. Tive a sensação de ter devassado o infortunio, mui íntimo e mui cruel, de entes que vivessem na vizinhança da minha vida.

A tristíssima história de Fanny Owen é demasiado conhecida para que eu pretenda agora esboçá-la. Camilo tratou-a primeiro, ligeiramente, nas «Duas horas de leitura» e depois no «Bom Jesus do Monte». Camilo conhecia-a e era amigo e confidente de José Augusto Pinto de Magalhães. Escreveu algures o seu retrato nos seguintes termos: «José Augusto era um moço de temperamento funesto para si, e para as pessoas que, mais ou menos, se aliassem com sua alma, por liames de amor ou de simples estima». Possivelmente era assim — esse romântico da amargura e da dor; mas a grande verdade é que ninguém como Camilo contagiava a fatalidade a todos os que se lhe acercavam. Desgraçado por dogma do Destino e por teima do seu espirito, gafado de taras ancestrais — esse génio atravessou a vida entre fileiras cerradas de grandes desgraçados, de heróis de todas as tragédias, de desventurados de todas as angustias! Dir-se-ia que combinava, nas maquetes da vida real, os romances que escreveu!

O infortunio de José Augusto e de Fanny — pode ser atribuído à funesta lei dos seus destinos ou à morbidez dos seus temperamentos; ao

que não nos podemos esquivar, é a coincidência da funesta aproximação de Camilo, desde a primeira hora do drama — quando aqueles amores eram ainda uma saborosa exaltação de todas as ilusões... Mas Camilo estava com eles — e era portanto fatal como a morte, o seu martírio, o seu calvário, o seu infortunio...

Fanny Owen era filha de um coronel inglês que viera prestar serviços no nosso exército. Quando sir Owen faleceu, a viúva e duas filhas — Fanny e Mary — resolveram não abandonar este país — fixando-se em Vilar do Paraíso, no Concelho de Vila Nova de Gaia. Ao que parece José Augusto Pinto de Magalhães, Antony de provincia, mas com todos os estigmas românticos dos galãs fatais das grandes cidades e da época — julgou-se primeiro faulhado pelos encantos de Mary. Ao certo existia apenas a ansia sófrega de uma grande paixão — fôsse por quem fôsse, e tanto assim que, ainda nos preambulos do drama, elle não sabia se essa paixão fôra incendiada por uma ou pela outra...

Começou então a tragédia — uma tragédia silenciosa, oculta, de penitenciários fechados entre quatro paredes, de grilhetas da mesma fatalidade, que não se podem afastar, mas cujo contacto é uma permanente exaltação da própria dor... Elle não podia perdoar a Fanny aquela deslealdade, aquella traição ao seu grande amor — porque para um Antony, em 1850, mesmo provinciano, as confidências da mulher amada feitas a outro homem, equivalia ao mais cruel dos escárneos...

¿Quem levou essas cartas fatídicas às mãos de José Augusto? ¿Que interesse o moveu? Nunca se soube ao certo — embora haja quem insinue que foi o próprio Camilo, enciumado pela preferência que Fanny dera a José Augusto — quem empreendera e realizara essa cruel proeza...

¿Seria assim? | Não creio!

Aquella vida de tormentos morais, de supplicios mudos a todas as horas — sem as treguas de uma noite sem ser de insónia — fechados ambos numa casa sinistra e triste — foi roendo as almas e os corpos. Fanny apenas pôde resistir à inquisição daquela existência, onze meses menos dois dias! Em 3 de Agosto de 1854 — expirava com os pulmões esloirados pela tuberculose! O marido — José Augusto — a pesar da crueldade que a dor excitara nos seus instintos de desditoso romântico, casara com Fanny,

dias depois de estrondear a sua tragédia íntima — mandou embalsamar o cadáver da mulher que tanto amava e que matara numa longa agonia de onze meses de silenciosos vexames e com o espectáculo constante e mudo da sua própria agonia! Guardou, avaro ainda das recordações desse amor, o coração da espôsa, fechou-o num jrasco de alcohol — que ainda hoje existe na capela da sombria e sinistra Casa de Lodeiro. Afirma o médico que realizou o embalsamamento — Dr. José Ferreira, do Porto — que «Fanny estava virgem como se saisse do regaço da mãe!» Esta virgindade, só por si, e após onze meses de convívio estreito, sob o mesmo tecto ao lado do homem que se apaixonou até à alucinação e que se fizera apaixonar — simbolisa o inferno em que aquellas duas almas se foram queimando aos poucos — até que deles não ficassem senão, um punhado de cinzas...

José Augusto pouco tempo sobreviveu a sua própria tragédia. Dois meses depois da morte de Fanny — finava-se também num hotel de Lisboa. Seria assim que Camilo engendraria

(CONCLUI NA PÁGINA 15)

# HOMENS

## &

# FACTOS DO DIA

### O CADAVER DE FANNY OWEN E O LEILÃO DOS JAZIGOS

! Por fim — decidiu-se por Fanny; e para que ao seu romance não faltasse o ácido e a emoção de uma aventura — decidiu raptá-la numa precipitação sem motivo, numa alucinada decisão para a qual não existiam causas!

...Raptou Fanny numa madrugada de intemperie — nem o decor faltou ao quadro — e após longa odisseia, errçada de peripécias aventureiras — refugiou-se com a amante numa casa de triste e sinistro aspecto — que lhe pertencia em Santa Cruz do Douro: a «Casa do Lodeiro».

Poucas horas depois da sua chegada a essa casa, quando José Augusto, no romantismo inflamado da sua ventura — mal iniciara a sinfonia platónica das grandes tiradas de amor — alguém lhe entregou umas cartas que Fanny escrevera a um espanhol de apelido Fuentes. Essas cartas que Camilo leu e que considera como «de irmã para irmão» — eram confidências sentimentais, mui íntimas, embora ingenuas; e estando datadas já do período em que os amores de Fanny com José Augusto atingiam altas labaredas — diziam, entre muitos outros desabafos e queixumes que «ela não encontrara ainda um coração que a compreendesse».

# ¿Nos manicómios há homems sãos?

Em volta de um internamento no Conde Ferreira

— Estarecendo uma atitude, ante o caso do sr. Pacheco de Barros



O sr. Pacheco  
de Barros

**H**A tempos este jornal publicou um artigo assinado pelo sr. Emílio Loubet — focando o caso de interdição do sr. Pacheco de Barros. Estava eu ausente — em serviço de *reportagem*. Adiante explicarei a razão desta minha confidência. No regresso, quiz o Destino que me assaltassem dúvidas graves sobre se o sr. Emílio Loubet estaria laborando num erro de diagnóstico. Entretanto saiu um segundo artigo, insistindo na mesma tecla — e que, pelas mesmas razões — coincidência! — não tinha sido lido por mim. Na crença de que entre o meu critério e o dos representantes da empresa proprietária do *Reporter X* se cavara um abismo de impossível voo — tomei a resolução de abandonar o meu posto neste jornal. Com surpresa minha leio por toda a imprensa do Pôrto e Lisboa, um estendal de comunicados, assinados por indivíduos que não conheço, declarando, entre outras coisas, que eu ia afastar-me da direcção deste semanário por estar em desacôrdo com os citados artigos. Era evidente que se usava do meu nome e da minha attitude — em defesa de interesses que eu não queria defender! Imediatamente pedi aos meus camaradas dos diários, aonde viera a nota, para contestarem em termos que considero claros: «que as declarações feitas no tal comunicado seriam lisongei-ras para mim, se não chancelassem a verdade da «minha honra e independência»; que de facto resolveria demitir-me — em consequência de um desacôrdo provocado pelo diagnóstico feito ao sr. Pacheco de Barros — mas que, essa divergência, esse conflito se aplamara; e que não conhecendo os autores do comunicado não consentira nem consentia a evocação do meu caso pessoal, entre outros motivos porque dispunha de todos os recursos para uma explicação pública, se necessitasse explicar-me em público! Prometia ainda, que em terreno próprio, daria esclarecimentos mais largos e detalhados. Ei-los — com o atrazo dum mês, do mês que estive trabalhando nas terras de Espanha...

Se na defesa duma causa me deixei, algumas vezes, chamuscar pelo entusiasmo — embora não cegando nunca pela fuma-rada da batalha — no ataque procuro sempre — mais por dignidade do que por providência, rechear o paiol da pólvora — antes de romper fogo. Porisso difficilmente poderei, frente ao espelho da auto-critica, afligir a própria consciência com a suspeita horrível de um erro, de uma falta... E, Santo Deus, em tantas escaramuças da imprensa, apontando a pena a tantos e tão bem blindados cavalheiros — não me recorda do fracasso moral, uma retirada por escassez

de munições ou — o que seria mais grave — por falsa razão... Mas, o meu amor próprio não me levaria nunca, fôsem quais fôsem as consequên-cias, a manter uma posição, após o convencimento do erro — nem mesmo a esfumá-la num silêncio habilidoso... Prefiro, preferi sempre, as situações claras — que são as únicas que enobrecem...

Sou, contra todas as interdições, tenham elas os caracteres que tiverem. No fundo de quasi todas elas, existem, interesses inconfessáveis, um segredo mesquinho de dinheiro. Mas a lei é que as consente — não sou eu; e sempre que elas sejam seladas pelo diagnóstico honrado de médicos que examinaram o interditado por dever de officio — que remedio há senão atacar a lei? Combater os médicos se agiram honestamente, como médicos, e como homens — e que não são culpados das intenções dos outros — não posso, nem devo! Posso, sim, e devo enfrentar os «casos» que sejam criminosos; castigar aquêles que são os titeriteros crueis, ocultos, da interdição; e dentro do irremediável — prestar justiça a quem eu julgo que a merece e distinguir de entre todos, aquêles que maiotes razões apresentam...

! Não tem conta os casos de interdição que armazeno no meu activo jornalístico! Porisso mesmo a experiência me tornou reservado e calmo quando surgem novos casos.

Como já disse, o artigo sobre o internamento no Hospital Conde Ferreira do sr. António Pacheco de Barros — não era meu. Aliás vinha assinado. Mais: pelo facto de me encontrar ausente, em serviço de *reportagem* — só o conheci depois da *lino-types*, quando o jornal era apregado por essas ruas! Não evoco estes pormenores numa attitude de esquivança... Como director deste jornal tomo todas as responsabilidades; e se o tivesse lido antes, confiado na pureza das intenções e dos factos, tê-lo-ia, talvez, sancionado da mesma forma... O articulista baseava-se num documento e na opinião de um advogado. Os comentários que fazia irradiavam dessas afirmações que não podíamos deixar de julgar categorizados pela verdade.

Pouco depois fui informado que o sr. Pacheco de Barros saira do Manicómio... Até certo ponto este remate vinha confirmar o artigo — embora a saída de Pacheco de Barros fosse exigida pela justiça — o que não significa um erro de diagnóstico ou um internamento ilegal — porque nenhum manicómio pode conservar um doente quando a justiça o requer — seja esse doente o mais avariado dos loucos!

Não conhecia o assunto, nem as figuras que o heroicam... Só depois do *acaso* a que me vou referir é que soube um nome honrado que estava nêlo envolvido — o que nunca seria o bastante, para influir na minha attitude.

O *acaso* foi o seguinte. Encontrando-me na Praça da Liberdade juntamente com os

meus amigos, sr. capitão Tito Lívio Carneira, director da «Relação», sr. Pinto Machado e com o meu colega do «Século», sr. Guilherme de Carvalho — fomos abordados por um vélio, esbracejante, exaltado, ruído, que, saudando Guilherme de Carvalho (que êle disse ter conhecido num «combóio mysterio») esteve fonografando durante estirado tempo, uma lenga-lenga indecifrável... Logo às primeiras palavras do seu disco confuso e estonteante — entreolhamo-nos com surpresa... E mal Guilherme de Carvalho conseguiu libertar-se dêle — a mesma interrogação estalou em todos os lábios:

— «Quem é este louco?»

Existem loucuras tão subtis e tão defendidas pelo próprio doente — e não são as menos graves — que quasi escapam ao exame do psiquiatra. Mas aquela — seja uma paranóia ou não — é tão nitida, exteriorizada por forma tão berrante, que todos nós — leigos em psiquiatria — ja diagnosticamos sem vacilar!

! Mas quem era êle? Foi Guilherme de Carvalho quem nos ilucidou: — «É Pacheco de Barros! Acaba de sair do Conde Ferreira!»

Ignoro se este louco necessitava ou não internamento; se o seu internamento é uma cruel e mal intencionada estratégia de alguém que lhe cubica a fortuna; se podia gozar, livre e sem perigos para a sociedade, o direito de viver — sobretudo, superabundando cá fora os loucos que sofrem todas as inclemências da miséria, que ameaçam as vidas alheias e que talvez fôsem curáveis e que não são internados porque... não possuem riquezas nem parentes que as disputem... Como já disse sou contra todas as interdições — porque no fundo de quasi todas elas, existem interesses mesquinhos de dinheiro... Creio mesmo que a familia dêsse homem podia ser mais piedosa e menos apressada — abdicando um pouco da sua futura herança e tratá-lo, cá fora, confiá-lo à vigilância de enfermeiros, deixando-o na utopia da liberdade, embora à custa de um pequeno prejuizo monetário — e não condená-lo à pena, sem remissão, de um manicómio. Se êle é um paranóico, se os paranóicos são incuráveis — quanto mais tarde o riscassem da vida e o internassem num hospital, melhor. Se a sua liberdade constitui um ou vários perigos — não o deixem desacompanhado! Mas — repito — andam por aí tantos loucos perigosos e sem posses para manter uma vigilância constante!

! Mas do que eu não duvido — porque o Destino quiz que eu o visse e o ouviisse — é que se trata, incontestavelmente, de um perturbado — de um doente mental! Ora se não o duvido — era um dever declará-lo, bem alto e bom som; e eu tenho a vaidade de cumprir sempre, corajosamente, o meu dever!

! De forma alguma nego a existência de

(Conclue na pág. 15)



# ROLÃO • • NIEGRO

## Folheando Antiguidades

Rolão é a parte grosseira do trigo que vai no pão que alimenta o trabalhador.

Rolão é também o vagalhão marinho que rola altaneiro para a praia.

Rolão é ainda um rôlo de pau que, metido sob as abantesmas, serve para a sua deslocação.

Rolão significa igualmente, gente ordinária, ralé.

Eis os quatro prismas do significado desta palavra, que serve de pseudónimo ou nome a «um ilustre desconhecido», portador do *dernier cri* das fórmulas político-sociais, na região portuguesa.

Rolão negro lhe chamarei eu, porque este adjectivo qualifica melhor o substantivo.

E por meio de parábolas, que são a forma simples e acessível de explicar ao povo, que a classe dominante mantém por seu interesse em eterna escuridão, as questões mais complexas e transcendentes, ponhamos em parcelas assimiláveis ao espírito do produtor, o magno problema.

O pão negro e betuminoso que flutua sinistramente no seu caldo miserável, «pão que o diabo amassou» e éle ganhou com o seu suor de escravo — querem torná-lo ainda mais negro, mais adulterado, mais venenoso, mais mortífero, porque alguém entende que o obreiro ainda não é suficientemente espoliado, nem envenenado.

A praia é toda a extensão interminável das suas reivindicações humanitárias, sobre a qual se ergue no horizonte e para a qual avança o vagalhão negro, espelho dos astros turvos do momento, do fascismo, rotulado de nacional-sindicalismo para conquistar facilmente o

espírito ingénua das vítimas e com a sua mesma colaboração instalar-se como governante, instilando-lhes no cérebro os seus dogmas autocráticos, mergulhando-lhes no coração «o bico curvo e as unhas fortes» de ave de rapina.

A abantesma do capitalismo, arrastada pelas suas ambições de riqueza e domínio para a borda do precipício aonde está prestes a tombar e desaparecer para sempre, na ânsia de salvação própria, faz-se colocar sobre um rôlo de pau, a ver se num movimento regressivo consegue evitar por agora, adiar pelo menos, o seu fim trágico. Mas quem sabe se esse movimento de retrocesso não se transformará em movimento de avanço, precipitando a queda do monstro!

A estôfa intelectual e os sentimentos que animam os lumináres nacionais das velhas e encarquilhadas fórmulas que as glândulas de qualquer macaco fizeram rejuvenescer na aparência, não são de molde a elevar esse pseudos idealismo ao estalão das coisas sequer recomendáveis.

Rolão é pois o ferrete que, como significado que apresentei em quarto lugar, deve marcá-la essa gente, que bem pouca é felizmente, aos olhos do povo.

Rolão negro, perspectiva sombria, negro destino que espreita além na encruzilhada, como um sicário, o produtor de tesouros e riquezas, que não são para seu gôso, a fim de

roubar-lhe a esfarrapada camisa, que é tudo quanto possui, de sugar-lhe o sangue, que é a vida e a última probabilidade de emancipação.



... mergulhando-lhes no coração  
«o bico curvo e as unhas fortes» de ave de rapina

UM velho devoto, ao morrer deixou os padres jesuítas por seus herdeiros, em prejuízo de um filho que tinha. Havia, contudo no testamento a cláusula de que estes bons padres dariam por uma vez, para estabelecimento de seu filho, a quantia que quizessem.

Tomando logo posse da herança, eles ofereceram uma soma insignificante ao mancebo, o qual desta usurpação recorreu para os tribunais.

No dia em que se sentenciava a causa, presidia ao júri o Vice-rei Duque Ossuna, que vendo decidir contra o mancebo, não pôde consentir nessa injustiça.

— Não me admira — disse ele — de que os padres requeiram o gôso das vantagens que o testamento parece assegurar ao seu convento, mas não concebo, como um juíz encanecido no exercício de julgar, possa a tal ponto enganar-se sobre o verdadeiro sentido da cláusula do testamento.

— Dizei-me, meu padre (virando-se para o prelado da ordem) a quanto monta a herança?

— A cem mil cruzados, senhor.

— ... E de eles ofereceis ao filho do testador...

— Oito mil cruzados.

— Bem, nesse caso quereis para vós noventa e dois mil cruzados, em virtude das disposições do testamento?

— Pois eu digo que em virtude dessas mesmas disposições, vós sereis obrigados a dar noventa e dois mil cruzados ao filho do testador.

— Como assim, Ex.<sup>m</sup>o Senhor?

— O testamento diz que vós lhe dareis a quantia que quizerdes. Vós quereis noventa e dois mil e não oito mil, é portanto aquela quantia que lhe pertence pela disposição testamentária e que lhe deveis pagar.

Debalde quizeram os padres replicar e compôr-se, oferecendo ao mancebo metade da herança. O Duque foi inflexível, castigando, assim, a avareza daqueles religiosos que haviam levado um velho doente e fanático, a prejudicar o seu próprio filho.

CHEGANDO D. João II a Almeirim, um dos seus cortesãos veio dizer-lhe que um certo fidalgo implicado na condenação do Duque de Bragança, se achava escondido na vila e que éle sabia onde.

— Melhor fariéis vós — respondeu o Rei — em lhe dizer a éle que eu estou aqui, que vir dizer-me a mim, onde éle está.

UM bispo viajando na sua carruagem, encontrou um franciscano a cavalo.

— Em que tempo andou S. Francisco a cavalo? — perguntou o bispo com um sorriso maligno.

— No tempo em que S. Pedro andava de carruagem, respondeu-lhe o frade.

UM sujeito zombava de outro a quem faltavam alguns dentes.

— Eu morra — respondeu-lhe o desdentado — se quem m'os quebrou não caiu logo a meus pés.

Preguntando-lhe o outro quem havia sido o seu bravo adversário, respondeu muito friamente.

— Uma pedra.

D. Quixote.

HERODES



Pablo Rada, sociólogo, economista e revolucionário

Um camarada meu, espanhol, a quem devo as facilidades da fuga, numa manhã afiada, em 1924 — disse-me, agora, em Vigo: «— Já notaste que o governo da República embirrou em não aceitar uma reacção contra o seu poder sem que dela participem, em doses iguais, elementos da extrema direita e elementos da extrema esquerda? Revê todos os movimentos revolucionários que têm estrondado desde que se implantou a República — e não descobrirás nas notas officiosas que sobre elas se redigiram e publicaram, uma só que denuncie a totalidade absoluta de uma das duas legiões que hostilizam o regimen — o governo! Antes mesmo das rebeldias rugirem, quando estão apenas no alvoroço mudo das conjuras, nas incondiciões da polícia e no oxigénio dos boatos — já o governo papagueia ao Parlamento e aos jornalistas, que está informado de uma nova gravidez social gerada no ventre dos comunistas, resultante duma mancebia com monárquicos — ou vice-versa... Como explicas tu esta alquimia inverosímil?»

A explicação é fácil. A teima dictatorial de Azaña — bem ou mal intencionada, não me interessa — não convém a confissão de que o governo da República tem apenas um adversário — porque essa confissão — ou apenas a suspeita desse facto — fortalecia o inimigo, enfraquecendo os apáticos que ainda defendem com a sua extasi, o governo; ou, o que seria mais grave, dar-lhes ia ânimo para se agruparem com os apostatas!

Para se manter o equilíbrio artificial que é toda a razão da longa existência política de Azaña — é necessário que os dois pratos da balança se nivelem. Ora a verdade é que só um deles pesa — o da esquerda; e o governo não hesita: enche o outro com monárquicos — mesmo com aqueles que tudo dariam — até as suas convicções — para que não os metessem em boleos! É tão inverosímil e ridícula a ideia de um entendimento entre uns e outros — como

se dizer que Hitler está ao serviço de Moscovo ou que o Kaiser conspira com Staline — a queda de Mussolini...  
A parte do problema do extremismo esquerdo e o da própria deficiência do governo — três outras brocas ameaçam as muralhas do regimen. As direitas e os monárquicos, como já disse, só podem assustar a República graças à força, à má vontade e às habilidades da Igreja. Se algum dia a República sentir, de facto, um perigo monárquico — esse perigo foi-lhe desfechado pela Igreja. É o único dinamo que pode emprestar uma ilusão de vida activa combativa aos monárquicos. Temos depois o conflito agrário, a reacção defensora dos grandes proprietários — que se arpejam já ante as decisões do novo regimen, considerando-os já audaciosos assaltos aos seus direitos de riqueza; e que, sobretudo, se entezam, por pavor, ante a visão de um futuro mais hostil ainda ante o dogma da propriedade, um futuro que já berra exigências e divisões de terras. Esses homens, esses grandes proprietários, os gozadores dos *cercles* luxuosos de Madrid, Sevilha, S. Sebastian, etc., acostumados a uma existência de regabofe — ou pelo menos a uma sonolência fôfa, bem garantida, bem fumada, bem comida e bebida — sem outros encargos do que receber os rendimentos das suas *fincas* — amedrontaram-se ante as medidas chamadas liberais, girandoladas pelo governo; mas afligiram-se, sobretudo, ao ver os seus cercles saqueados e incendiados; ao escutar os cânticos de revolta dos seus trabalhadores — outr'ora tão humildes e resignados!

Conservadores inevitáveis, entre este ricos existim monárquicos e não monárquicos. Mas se todos eles veem na República um inicio de perigo contra as suas regalias e propriedades — até o das ameaças futuras — não vão, como é natural, emparceirarem com os comunistas... Logicamente arregimentam-se aos outros — aos monárquicos — ou, pelo menos procuram impôr-se à República...

O outro problema é o do regionalismo. É a reacção natural contra o imperialismo castelhano. Por mui desenvolvido que estivesse em todos os povos peninsulares o sentido ibérico comum; e mesmo que esse sentido se tivesse transformado em patriotismo — ele nunca foi, nunca podia ter sido *castelhanismo*. Ora como a conjunção imperial desses povos, para a grandeza e ambições do poder

# Uma reportagem à República Espanhola

O que significam as últimas eleições e como foi que a mulher exerceu, pela primeira vez, o direito do voto

«A verdade não é nem o materialismo, nem o idealismo, nem a psicologia: a verdade é antropologia». — FUERBAC

central dominante, era toda ela feita por Castela — a Espanha querendo uma unidade artificial, ficou numa manta de retalhos das cores mais imprevisas e opostas — como que cozidos por um cego... E a própria primeira república — a de 1873 — caiu, sobretudo, por teimar nessa unidade, ensurdecendo ao rugir das várias nacionalidades que queriam a sua autonomia, negando-se a realização duma república federal...

Se os catalães conseguiram o seu estatuto, a sua autonomia — como impedir que os galegos, os vascos etc. povos com características próprias, com velhas âncias de liberdade regional não lutem pelo mesmo sonho?

Portanto, ao perigo das esquerdas; das direitas (fortalecidas pela Igreja; e do pânico dos agrários, ergue-se, e não menos acabrunhante, para o governo, dos regionalismos.

Os regionalistas — sobretudo o galego — não quer fazer política. Dizem eles que é tempo dos galegos, romperem com os *souteneurs* de Madrid e trabalharem pela Galiza, realizarem uma obra económica e regional — independente de facções, colaborada por todos, desde que sejam galegos — e sem outro espirito em que não palpitem o *galeguismo*...

Ora ante tão dispersos e vários adversários ou, pelo menos, defensores de interesses antagonicos aos do governo — era inevitável o fracasso governamental das eleições municipais! Bem sei que não foram os monárquicos, nem os esquerdistas, nem os agrários ou os regionalistas que, por si, conseguiram uma vitória contra o governo. Mas a derrota do governo foi obra de todos eles juntos.

A monarquia caiu precisamente por causa de umas eleições municipais. Azaña, na sua birra de mando, contemplou o espectáculo eleitoral como um super-homem anti-democrático, que nega todos os direitos ao povo e que não crê na força e na justiça do voto!

A República deu à mulher o direito do voto. Seria esta uma das urgências mais imediatas para a obra revolucionária do novo regimen? Longe de mim a insinuação de que se fez mal concedendo à mulher espanhola um nivelamento ao homem —

como ser consciente, como elemento de dor, trabalho e sacrificio, para o funcionamento geral da nação e continuidade da raça — e portanto indispensável na montagem dessa maquinaria democrática a que se chamam eleições — sobretudo dignas de exercerem essa função política. Podia contra pôr as minhas próprias razões — outras, que mereciam, talvez, serem meditadas. Podia, por exemplo, perguntar que interesse foi esse de engrandecer, vigorisar e alastrar o decreto do voto — se depois não se obedece a esse mesmo voto? Podia ainda formular outra pergunta: se a mulher espanhola, após tantos séculos de uma vida conventual e sem outros direitos de exteriorização de consciência ou de inteligência que não fossem as consentidas pela Igreja e pelo marido — estaria já em tão perfeita compreensão e instrução social e política, que pudesse votar... sem graves imprudências para a vida da República... É que, de facto, quem assistisse como eu assisti, às suas eleições, onde as mulheres de Espanha usaram, pela primeira vez o decreto do voto, formaria forçosamente, a seguinte ideia de esse espectáculo:

«— Foi a República quem decretou o voto feminino; e por um pouco que as mulheres, aproveitando-se desse decreto republicano — não ferem, em pleno peito, a própria República!»

No próprio dia das eleições, Cartelan esse máximo caricaturista galego publicava, num jornal de Vigo, a caricatura de dois velhos, como só ele sabe desenhar, e por baixo a seguinte legenda:

1.º *velho*: — As mulheres vão hoje às eleições, pela primeira vez! Como votarão elas?

2.º *velho*: — Se calhar votam tão mal como os homens!

Era uma profecia — e talvez atenuasse, das próximas realidades! Rodaram autos e autos, buscando em suas casas, velhotas comodistas e moças distraídas — para as obrigar, entre ameaças d'inferno e promessas de passeio, a votar pelas direitas! E elas, sem outra bússola, sem outro critério, sem outra consciência que não fosse a dos homens que queriam

especular com o seu voto — votavam como eles queriam! O caciquismo feminino, nessas eleições da República, suplantou todos os caciques da monarquia — simbolizados pela *Esclavitud*, de Borás! E tanto assim que até ao meio dia — os extremos trepavam pelo termómetro eleitoral, como mercúrio, ao calor dos tifosos! Mas eis que surgem das aldeias as poucas mulheres do povo com direito a voto, sem guias, nem cicerones — e foram elas, talvez tão inconscientes como as outras, mas cujo instinto, aguçado pela luta e pela dor, é mais sensível — quem evitou a vitória das direitas!

Vi-as votar — essas nobres mulheres galegas, pescadoras, trabalhadoras do campo, de botas semi-altas, como as de *mujiá* russo, tranças caídas pelas espaldas, seio erecto e volumoso, olhos de sonho — em grupos alegres e indiferentes a todas as sugestões — arrancando o voto do cano da bota — e vigiando-o até à entrada na urna, como quem defende uma causa sagrada...

Houve desconcertantes — alguns dos quais, afirmam-me, resultaram em divórcio. Em Cesantes por exemplo, por birra, ou por convicção — houve um casal que se desarmou por causa do voto: ela — a mulher — votou pelas esquerdas — ele — o marido — votou pela mão do padre ou seja, pelas direitas! E saíram do colégio eleitoral — irreconciliáveis!

Uma velha de Redondela, católica por educação e hábito — mas mãe de um elemento avançado, preso, há muito, por causa das suas ideias — não

hesitou: entre Cristo e o filho — estaria com o filho votaria por aqueles que pertenciam aos ideais do filho! Contudo, várias jovens que só se recordavam de a ver, às vezes, na Igreja — rodearam-na e começaram a impor-lhe, quasi, que votasse com elas — ou seja pelas direitas:

«— No, hijas — respondeu a outra; — eso de direchas, está bien para ustedes, que son jóvenes! A mi, no, que ya estoy vieja y no me interesan que « sean direchas ó nó!!

REPORTER X

(Reservados todos os direitos de publicação).

(Continúa)



UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA: O Directório militar, que dirigiu os destinos da Espanha, nos últimos tempos da monarquia.

# O crime da "Pôça das Feiticeiras"

Autopsiando uma carta de alguém, que não deseja a revisão do processo. ¡Verdades, e só Verdades!



«Gulando» a vítima para a emboscada

O Correio tem-nos trazido inúmeras cartas repassadas de sentimentalismo, encorajando-nos para que continuemos nesta campanha de ilicitação da justiça.

Entre dezenas e dezenas de cartas, veio uma dirigida ao nosso Director, discordando da campanha a que nos propuzemos.

Como até à data é a única que se recebeu neste sentido, vamos dar-lhe publicidade, pois, combatentes leais como somos, não queremos que nos digam: «quem cala consente», supondo-se assim que *nela se dizem verdades*, e, por isso, não lhe damos publicidade.

Felizmente para todos aqueles que estão convictos da inocência dos condenados, o conteúdo da carta cai pela base. Mas, senão pudéssemos combatê-la por desconhecimento dos factos apontados, podem os leitores estar certos de que indagariamos da sua veracidade, apregoando a verdade.

Nenhum interesse nos move, é bom que se saiba, nesta campanha, além da compaixão pelos condenados, de cuja inocência estamos convencidos.

Estamos convictos de que um grave erro judicial se deu e, por isso, desejamos a revisão do processo. Esta só engrandecerá a Justiça.

Mas... vamos referir-nos à carta do Sr. Augusto (?) que, possivelmente, embrenhado em demasia na sua contextura, esqueceu-se... de a datar como é costume, ou indicar a localidade onde reside. Podíamos, por isso, tomá-la como uma carta anónima, dando-lhe o merecido destino, a-pesar-de ter um nome desconhecido no final, não o fazendo por os assuntos versados serem melindrosos, embora da fácil pulverização.

Quási todos os pontos — condenáveis — indicados pelo Sr. Augusto (?) já aqui os refutamos com provas. Se tivesse lido atentamente os nossos despretenciosos artigos, decerto não nos teria escrito; mas se sabe mais alguns factos inéditos ou que nos tenham passado despercebidos, agradecemos que no-los aponte sem reboço, pois estamos aqui para esclarecer a verdade, dda a quem doer. Agora, meu caro, se nada mais sabe...

...Deixemo-nos de divagações porque o espaço é pouco para o muito que temos a dizer e passemos a analisar a carta do Sr. Augusto (?).

Diz-se ali: «Como vereis a minha opinião é desassombada e independente. Não conheço criminosos nem acusadores. Estou apenas informado de que D. Silvina

tem um irmão (filho ilegítimo do velho Trindade) que faz parte do corpo redactorial do... (As reticências são nossas) *Esse jornalista e escritor não é A. P.*» (o nome vem por extenso).

— Sr. Augusto (?), a nossa opinião também é desassombada e independente. O jornalista A. P. que muito bem conhecemos, não é como diz irmão da D. Silvina, não lhe é mesmo nada, nem da água nem do sal, como soe dizer-se, a não ser pela parte de Adão e Eva, mas isso já deve ser um parentesco muito afastado.

É verdade — por falar em parentesco — que diabo era aquele que arranjava ao rapaz com o Alves Trindade, no caso de ele ser irmão da D. Silvina?

Ou o Sr. Augusto (?) é um grande cómico, ou percebe pouco de genealogia.

Mas vamos adiante: «*E em que jornal trabalha (ou trabalhou especialmente) Alfredo Marques, autor de um livro sobre «O Crime da Pôça*

O Sr. Augusto (?) volta a dar-lhe com o nosso camarada A. P., que, parece-nos, nunca escreveu uma letra sequer à cerca da «Pôça das Feiticeiras», mas adiante,

«*Raciocinemos com calma, imparcialidade e inteligência e veremos como nos é fácil chegar a uma conclusão certa. Que Alves Trindade era uma criatura sem escrúpulos, um libidinoso, um individuo de péssimos sentimentos, um verdadeiro monstro, atestam-no e provam-no as relíquias encontradas no seu cofre depois do crime... A-pesar-de tudo, porém, Claudino Ribeiro, contraiu matrimónio com D. Silvina, vindo viver para casa do sogro.*

Exactamente por termos raciocinado com muita calma, é que chegamos ao convencimento de que os actuais condenados estão inocentes e por assim os julgarmos, vimos imparcialmente fazendo esta campanha em prol da revisão do processo, embora sem a inteligência que o Sr. Augusto (?) pretende. Por tudo o que sabemos e

Propuzemo-nos publicar a carta do Sr. Augusto (?) e por isso vamos continuar:

«*Ai, no Solar de S. Caitano, as desavenças sucediam-se e uma atmosfera de terror pairava sobre a cabeça de João Alves Trindade, indo ao acíme de tentarem interditi-lo. Ainda haverá quem pergunte a causa de esse tristíssimo viver?*»

O Sr. Augusto (?) toca de ouvido. Diz no princípio da sua carta que não conhece criminosos nem acusadores, e, vem depois, referir-se ao viver particular em S. Caitano que nós desconhecíamos, a-pesar-de inteirados de todos os quadros que compõem este grande drama.

Queriam interditar o Trindade? Pode crer Sr. Augusto (?) que se nisso tivessem pensado a filha e o genro, não lhes seria difícil obtê-lo. Se — mais uma vez o repetimos — tivesse lido os nossos artigos anteriores, por certo não viria com mais essa insinuação.

Houve de facto alguém que tentou lançar esse la-beu, mas viu-se desfeito, por falta de provas.

¿Temos ou não razão em dizer que o Sr. Augusto (?) toca de ouvido?

A carta é longa, como extensa, tem de ser a resposta, motivo porque só no próximo número continuaremos a transcrição e a autópsia, para os nossos leitores fazerem os seus juízos.

César Pulmo

## REPORTER X

Semanário de Actualidades e Reportagens

Redacção e Administração:  
Rua de Sampaio Bruno, 12-5.º — PORTO

# PLEBISCITO

N.º \_\_\_\_\_

(1) Desejo que seja feita a revisão do Processo do Crime da "Pôça das Feiticeiras."

N.º de ordem	NOMES	PROFISSÕES	MORADAS
			
			

(1) Se não concordar que a revisão se faça escreva a palavra "não," Subentende-se neste caso que todos os signatários discordam e vice versa. Assinar a tinta e bem legível. Todos os nomes serão publicados no nosso jornal. Roga-se o favor de não inutilizar e devolver este Boletim à Redacção com qualquer número de assinaturas, dentro de um envelope aberto, com um selo de \$15.

das Feiticeiras, no qual nos pretende provar a inocência dos condenados?»

O Sr. Augusto (?) pelo que vemos é muito curioso, tem pecha feminina, mas como o nosso camarada Alfredo Marques, por certo, não se importa que saibam da sua vida, porque é desassombada, sempre o vamos ilucidar de aquilo que a seu respeito sabemos: Alfredo Marques, tem trabalhado e trabalha como jornalista que é — e dos bons — em diferentes jornais que agora de repente não nos lembram para lhe indicar, ganhando a vida pelo seu honroso trabalho.

¿Que insinuações pretende fazer-lhe? Não conhecemos o Sr. Augusto (?), contudo auspiciamos para que seja como Alfredo Marques, assim, sabemos que estamos a tratar com um homem honrado e digno.

Se Alfredo Marques escreveu o livro **Sangue e Dinheiro**, estava como ainda está, convencido da inocência dos actuais condenados.

Continuando.

«*Teria a imprensa feito tanto barulho se não fosse a existência dessa varinha mágica (A. P.)?*»

ainda pelo que faz parte do nosso dossier, chegamos há muito tempo a uma conclusão certa.

¿Mas, Sr. Augusto (?), que tinham as relíquias do Trindade com o casamento do Claudino? ¿Por certo Alves Trindade não mostrou as relíquias ao seu genro e mesmo que as tivesse mostrado em que impediria isso o casamento?

É o senhor o primeiro a declarar que elas foram encontradas no cofre do proprietário após a sua morte.

¿Tinha por acaso D. Silvina culpa de que seu pai fosse uma criatura sem escrúpulos, um libidinoso, um individuo de péssimos sentimentos e um verdadeiro monstro como o Sr. Augusto (?) o alcunha, porque nós eramos incapazes de tal dizer por muito respeitarmos a memória dos mortos?

Não, e até, possivelmente, encobria ao noivo todos os maus hábitos e faltas de seu pai.

Se Claudino foi viver para junto do seu sogro, foi a pedido de este, para não ficar, já velho e doente, sem o carinho da filha. isto, aliás, era justo e humano, como o compreendeu Claudino, indo contrariado viver para casa dele.

## Plebiscito

Tendo, como já dissemos, recebido muitas dezenas de cartas de indivíduos que dizem estar incondicionalmente connosco a favor da revisão do processo e, em contrário, que é aquela a que o

nosso artigo de hoje se refere, sugeriu-nos a ideia de o Reporter X abrir um plebiscito, por onde se possa conhecer quantas as pessoas que desejam que a revisão do processo da Pôça das Feiticeiras se faça e quantas as que o não desejam.

Os nomes dos indivíduos que entrarem neste plebiscito, serão publicados no nosso jornal e, para isso, basta preencher o boletim que acompanha este semanário, escrevendo **Não** antes da palavra desejo no caso de não quererem a revisão.

Os boletins serão oportunamente entregues por esta redacção, ao Ex.º Sr. Presidente da República.



António Ferreira, genro do «Homem dos Bigodes» e o Luis da Picôa

## Ronda Semanal

NOVAS AMEAÇAS

DUCE, HITLER & C.<sup>A</sup>

A REUNIÃO SECRETA DE ROMA

Com o aumento do horário de trabalho, poder-se-á atenuar a crise?...

TENDO em conta o horário de trabalho — as oito horas regulamentares e justas, — supomos que não.

As oito horas de trabalho são o suficiente para uma produção normal e, por assim dizer, fertilizante para a fábrica respectiva.

Devemos salientar, sobretudo, que, as fábricas que presentemente, podem conservar o seu labor durante todos os dias da semana — excepção feita ao domingo! — podem considerar-se felizes, em toda a acepção da palavra.

E dizemos que podem considerar-se felizes, visto demonstrarem, assim, que a crise — esse espectro medonho — ainda não teve coragem de as subjugar...

Isto não obsta de alguns dizerem, como frequentemente acontece que a crise é motivada pelo horário de trabalho, porque se deixassem trabalhar mais horas, maior seria a produção e, por isso mesmo, mais fácil seria agüentar o pessoal obreiro.

Mais fácil, parece-nos a nós e a muitos; mas, logicamente, não. Se há necessidade, como em certa indústria acontece, de horas suplementares de labor, admitem-se novos turnos de operários!

Desta forma, maior será o benefício, porque os que trabalharam dentro do horário, ganharam o dia e, por isso, é justo que outros usufruam também uma parte desse benefício, embora mesmo mais diminuta...

Assim — segundo creio — dar-se-á que fazer a mais gente... — ou não?

Desta maneira, atenuar-se-ia um pouco mais a crise. Novos homens que possam trabalhar, sem prejudicar os seus irmãos, são novos elementos que se afastam desse fantasma negro e apavorante, que é a Crise, irmã gémea da Fome!

Vamos, agora, a outro ponto: — o poder de produção será igual (já não dizemos superior!) ao poder de compra?

Ducidamos!...

O poder de compra, como todos sabem, é, infelizmente, muito reduzido.

É isso devido, justamente, na maior parte dos casos, àqueles que não trabalham, porque não podem chegar a um certo e determinado número de artigos — alguns imprescindíveis — em virtude de não possuírem disponibilidades para tal.

À que devemos, pois, tal facto?

À crise!

À que se deve a crise?

O leitor, meditando nas palavras breves que acabo de escrever, dirá da sua justiça...

Será a máquina um dos principais factores da crise?

Conscientemente que sim! De facto, a mão de obra, o esforço humano, é substituído pelo funcionário ininterrupto da máquina.

O trabalho que ocuparia um certo número de homens, é hoje feito com a terça ou quarta-parte, visto a máquina, no seu caminhar constante, a vapor ou electricidade, levar vantagem ao braço do homem!

Todavia, alguém me disse que tal assim não era.

à hora em que escrevemos devem reünir-se em Roma, com o Duce, os representantes das organizações, mais ou menos fascistas, governativas ou não, de vários países europeus. Hitler enviou um dos seus logares-tenentes mais ferozes — o capitão Erick Willy, de triste e sangrenta celebridade. A Austria, a vélna, a histórica e tradicional inimiga da Itália — não se esqueceu a essa assembleia — e o próprio chefe dos nazis austriacos, é que os vai representar! E com a Hungria e possivelmente a Roménia — visto que na Roménia, nos últimos dois anos, se tem alastrado a epidemia fascista.

O mais curioso é que os imperadores e realizadores dessa reunião, esforçaram-se por a tornar secreta e ignorada de todos. E tanto assim que os estrangeiros de maior destaque nos vários fascismos — chegaram a Roma incognitos — procurando ocultarem-se e fugirem a todos os olhares. Se não fôsse o instinto e a viveza do correspondente do Daily Herald em Berlim — que seguiu o embaixador de Hitler, desta capital alemã até à cidade eterna, revelando depois, no seu diário londrino, o que se passava — era mui possível que este acontecimento político internacional, ficasse ignorado.

Mas para quê tantas precauções? Quando, em política, se trabalha, pela calada, às escondidas, no segredo de todos — não é cousa boa o que está em gestação. Ou é conjura maquiavélica

ou emissão clandestina ou qualquer outro ilusionismo, trágico ou não, inconcessível com toda a certeza.

O fascismo italiano tem já tentado, com audácia e agressividade, crear pretextos de provocação — e inflamar uma guerra onde se possam posar de heróis, onde o Duce subdifique o seu poder e ripolinise de novo a sua aureola cenográfica de Cesar d'opera-lírica; e onde, sobretudo, a Itália, como nos vélnos tempos do império, conquiste novas terras — visto que, segundo parece, vivem lá mui apertados. Foi o partido fascista japonês, chefiado pelo irmão do imperador, que lançou o Japão no



E, para reforçar a sua opinião, contou-me o seguinte que, fielmente, vou transcrever:

«Um industrial de sapataria tem uma máquina que faz vinte pares de sapatos à hora. Um seu vizinho, na mira do negócio, adquire uma outra máquina, cuja produção se eleva ao duplo ou ao triplo. Resultado: — o primeiro, não podendo concorrer com o segundo, é obrigado a fazer a aquisição de uma máquina idêntica, se não quiser fechar as portas. Isso é bom porque, encomendando uma nova máquina, dá que fazer à fábrica productora e, assim, aos seus operários!»

Dá que fazer, realmente, aos operários da fábrica de máquinas! Em compensação, se essa máquina empregou seis ou oito operários para a sua fabricação, em uma semana, a quantos outros não vai tirar o pão, depois de posta em funcionamento?

Seis ou oito operários fizeram uma máquina em uma semana e, não obstante a mesma, posta a funcionar, faz, com três ou quatro operários o mesmo serviço que, antecedentemente, era feito por oito, além de terem sempre o trabalho garantido...

Qual vale mais: — dar que fazer a seis ou oito artífices durante uma semana, ou evitar a máquina que, só por si, inutiliza o esforço de muitos mais?

! Parece-nos preferível evitar a máquina!...

Oscar Sant'Ana

assalto de puro banditismo geográfico — que é a tomada de Jehol! O fascismo austriaco e hungaro — já desafia a Tcheco-Slováquia, como o alemão está proposadamente fazendo perder a paciência aos outros países. E querem uma nova guerra para quê? Para conquistarem, pela lei do mais forte, novas terras.

Esta misteriosa reunião de Roma deve ter esses objectivos: uma aliança, entre esses fascismos todos; a provocação de uma nova guerra; o estudo da divisa de terrenos, após a vitória...

Depois dos boatos que galvanisaram — há um mês — a opinião pública portuguesa — não conheço notícia como a desta assembleia *ex-secreta* — que tanto nos possa alvoraçar...

Seja o que Deus nosso senhor, ou Duce ou Hitler quizerem...

# Quais foram as razões da quebra de relações comerciais entre a Inglaterra e a Rússia?

**O julgamento de Moscovo não foi a sua causa, mas sim uma oportunidade bem aproveitada. O partido socialista é acusado de ser mais amigo dos outros países, do que do seu. A Câmara dos Lords aprova o moção de quebra de relações, por 53 votos contra 7**

**C**RIOU profundas raises de interesse em tôda a opinião pública mundial, o célebre julgamento de Moscovo; os seis engenheiros ingleses acusados de crime de «sabotage» e espionagem na U. R. S. S., valeu-lhes o serem expulsos dessa nação, para não cumprirem a pena a que foram condenados. No domínio da nossa razão subsiste uma dúvida, dúvida que pensamos estar generalizada na opinião pública, filha da lógica a que as multidões submetem uma ideia e que raramente falha.

Vamos aqui exprimir, ainda contra a opinião que pensamos ser a de todos.

O urso polar, encolheu as garras, sintoma inegável de medo... medo da represália que ele sentia ir suscitar com a sua atitude.

Se as condições actuais da sua economia com a grã-Bretanha, fossem outras, pouco se importaria de abrir a teatralidade dos debates dum julgamento à opinião mundial, se as acusações feitas aos incriminados nesse processo, não representassem para si a justificação de poder defender um acôrdo, que o partido socialista ainda conseguia manter na Inglaterra.

No dia que os ingleses foram presos, a mesma força que os prendeu, fuzilou no local onze pessoas, sem quaisquer julgamentos que justificasse essa atitude.

Como veem, é muito fácil sacrificarem-se vidas, quando estas são daninhas ao bem da colectividade, e se por muito tempo, persistiu a ideia de que os engenheiros ingleses iam ser fuzilados, a amplitude de conhecimento, divulgados acêrca do julgamento, preconizavam um receio de que fosse mal compreendida a condenação dos reus.

Senão, veja-se as penas que os cúmplices dos ingleses apanharam, que vão de 8 meses a 15 anos, e que para um deles foi pedida pelo ministério público a pena de morte. Como se pode conceber que havendo culpas nos sequazes, não as haja nos promotores?

— O medo era outro; a balança comercial pesava muito ouro pelo lado dos subditos de S. M. Imperial e que as diminutas penas sofridas pelos ingleses contra a grandiosidade de seus crimes, talvez fosse um incentivo para que o acôrdo comercial

entre as duas nações perdurasse, como reconhecimento duma e como benevolência da outra, ofendida.

O plano foi belamente concebido e melhor pôsto em prática, mas a rudeza empregue no início, pôs de sobre aviso a cautelosa diplomacia Britânica. As câmaras reüniram e empalearam em conversações comerciais numa exposição de números conflituosos, as soberanas razões da sua espera, e uma vez resolvido o caso de Moscovo, com Mac Donald e Thoroton em casa.

Foi aprovada a quebra do tratado comercial com a Rússia na Câmara dos Lords, por 53 votos contra 7.

\* \* \*

Uma vez apresentadas perante o leitor, as razões da tam discutida quebra de relações comerciais entre estes dois países, vamos apresentar as outras razões... onde os números são concludentes; Visconde Hailsham membro da Câmara dos Lords, em resposta a Lord Ponsonby que defendendo o partido socialista apresentou perante a mesma câmara uma moção para que o acôrdo continuasse a vigorar; mas o maior fracasso premiou os seus esforços, sendo por cima acusado o partido socialista, de defender mais os interesses dos países estrangeiros, do que os da própria nação.

\* \* \*

Quando o Visconde de Hailsham, se levantou para falar exprimi-se do seguinte modo: Não discutiria uma ruptura mesmo temporária que fôsse, de relações comerciais entre estas duas nações, se elas agravassem a vida económica dos dois países, mais do que ele tinha a certeza, e se os efeitos desse acto, fôsem menos sérios do que aqueles que Lord Ponsonby previu e quiz fazer acreditar. Conseguiu as

figuras do comércio exterior do Governo dos Soviets e estava certo que elas seriam a prova mais concludente para o nobre Lord, que as vindas sudistas da própria Câmara de Comércio.

Durante os primeiros dois meses de 1932 as importações totais da Rússia foram de 100.000.000 de rublos ouro — em números redondos — e as importações totais de todo o estrangeiro foram de 133.000.000 rublos ouro.

No presente ano e durante os mesmos dois meses, as exportações foram de 83.000.000 rublos ouro e as importações de 66.000.000 rublos ouro, mostrando que as suas exportações tinham baixado 20 % e as importações 50 %.

Não havia dúvida, de haverem sido tomadas medidas, para fazerem baixar as importações.

Se nós virar-mos o quadro só para com a Inglaterra, vamos encontrar no mesmo período, de 1932, que as suas vendas nesta terra, foram de 25 milhões de rublos ouro, contra 22 milhões de suas compras, mostrando na balança de comércio a seu favor 3 milhões de rublos ouro.

Durante os mesmos 2 meses de 1933, antes de se ter levantado esta disputa e antes de serem tiradas as suas vendas para esta nação, foram de 18 milhões e as suas compras de 6 milhões de rublos ouro respectivamente assim as suas vendas caíram em relação às do ano anterior em 28 % e e as suas compras em 73 %. De maneira que a disparidade da balança comercial, foi de 3 milhões de rublos ouro em 1932 para 12 milhões de rublos ouro em 1933.

Como os leitores estão a ver, este quadro da balança de importações e exportações é iludativo e é daqui que provém a grande celeuma despertada pelo julgamento dos engenheiros ingleses.

A U. R. S. S. não queria largar estes, sem que bastas culpas lhes fossem imputadas... porque quanto mais comprometidos estivessem os réus, mais agradecido ficaria o governo inglês, pela sua libertação... porém, tal não aconteceu, e o estendal do escândalo, demonstrou que não é esta a diplomacia a seguir pela U. R. S. S.

F. C.

## Não tenha dúvidas

A-pesar-da carestia da vida, da dificuldade em conseguir géneros alimentícios puros, a casa do nosso amigo António José Araújo, com mercearia, vinhos e padaria, no largo 1.º de Maio, 13, Guimarães, continua a caprichar em servir bem, brindando todos os clientes, consumidores do seu café especial. Torrefação e-moagem eléctrica diária.

# Gama

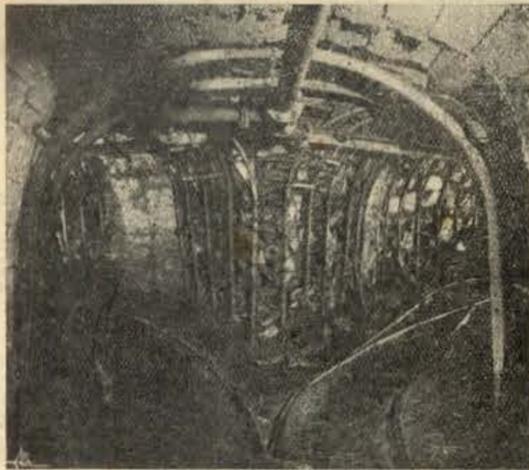
R. do Amparo, 51 — LISBOA

LOTARIAS

Atende prontamente todos os pedidos da Província, Ilhas e África, desde que sejam acompanhados da sua importância em notas, cheques, vales, selos, prémios ou quaisquer valores de fácil cobrança.

## Reunião Elegante

É na **Sapataria Impéria**, à rua Cedofeita, 118-120, onde as senhoras da nossa melhor sociedade, diariamente se reúnem a-fim-de apreciarem os lindos modelos de calçado, que o nosso amigo Lourenço Pinto Coutinho, com o seu apurado gosto de uma requintada elegância, ali expõe. Aconselhámos ás nossas presadas leitoras uma visita, a êsse modelar estabelecimento.



Uma bifurcação das minas

# OS CRIMES DO CAPI TALISMO AMERICANO

## O DRAMA DOS MINEIROS DE HARLAN

A invasão da indústria moderna trouxe a estas rudes existências uma revolução radical. Descobriu-se que a região sudeste do Kentucky era uma rica bacia hulfífera; os grandes trusts do Norte enviaram imediatamente prospectores, formaram-se e instalaram-se na região Companhias que ofereciam a quem quizesse descer às minas, salários tentadores. Uns após outros, os montanhese desceram à planície; eles que diziam não poder jamais viver em cidades, «porque acaba a gente por ter uma perna mais curta, que a outra, à força de tanto trepar», aglomeraram-se nas cidades, revestiram-se de vestiduras de confecção, alojaram-se em barracas feitas à pressa, provisoriamente, diziam as Companhias, e atiraram-se ao trabalho nas entranhas das montanhas.

Todo o aspecto da região se modificou subitamente: abriram-se estradas, túneis, as pequenas granjas desapareceram, lançou-se uma rede de trilhos às estações de força e as locomotivas fizeram aparição; A exploração concentrou-se de preferência nos Condados de Bell e de Harlan, próximo às fronteiras do Tennessee e da Virgínia, numa tira de terra com o comprimento de cerca de 100,000 milhas quadradas, estreitamente encaixada entre duas paralelas de montanhas.

### O Pactolo

Porém, o desenvolvimento intenso, data sobretudo de 1916. De 85,000 habitantes que contava em 1916, o Condado de Harlan reuniu em 1921 65,000 almas (85% são mineiros). Todo o afluxo provém da população circunvizinha: do Tennessee, da Virgínia e outras regiões do Kentucky. Encontram-se ali tão poucos operários estrangeiros, que, quando da sua estada no Kentucky, um membro da Comissão Dreiser (da qual falaremos daqui a pouco), foi chamado para que fôsse ver, a título de curiosidade «um homem chegado da Polónia, ou dum país assim muito longe».

Antes de 1910 não existia uma única linha de caminho de ferro na bacia de Harlan, em 1912 só existiam ali cinco poços de minas. Aproximadamente nessa época, os Morgan, os Rockefeller, os Mellon, os Peabody, os Insull e os Ford adquiriram quase a totalidade dos terrenos e lá instalaram respectivamente a *United States Steel Corporation*, *United States Coal and Coke Co.* (Morgan), *Consolidation Coal Co.* (Rockefeller), *Elkhorn Piney Coal Mining Co.*, *Pike Floyd Coal Co.* (Mellon), *Peabody Coal Co.* (Peabody), *Black Mountain Corporation* (Insull), as Minas de *Wallins creek e de Pike County* (Ford).

Dentro em pouco, os inumeráveis poços que se abriram produzirão anualmente vinte milhões de toneladas de antracite da melhor. Algumas minas não exportavam, chamavam-lhes «minas cativas», porque o que produziam era reservado às indústrias filiais do trust proprietário. A partir do início da guerra mundial, explorou-se febrilmente até ao menor filão; filas consideráveis de vagões partiam todos os dias para a região dos Grandes Lagos onde

estava concentrada a indústria de guerra enquanto outras carregações abalavam a caminho da Europa. As grandes Companhias recolhiam lucros astronômicos. Por cada dia, de doze horas ganhavam os operários 7 a 9 dólares.

### Primeira Crise

Este período de prosperidade não durou muito. Muito antes da crise geral — em 1921 — uma crise assás severa afectou a indústria carvoeira. As minas inglesas saltavam a ser exploradas, a Alemanha saldava uma parte das Reparações em fornecimentos de carvão, a Europa bastava-se a si própria, as fábricas de munições já não estavam prontas a absorver enormes provisões, o emprêgo de alguns outros combustíveis era cada vez maior (particularmente de petróleo); numerosas minas foram obrigadas a fechar; as que se mantinham em exploração aproveitaram-se daquilo para impôr aos trabalhadores reduções de salários, e alongar o dia de trabalho.

A partir de 1924 acentuou-se o marasmo. O nível de vida entre os mineiros baixava sempre. Os nove, os sete dólares eram apenas uma recordação, já não ganhavam senão três ou quatro. Em 1927 falou-se mesmo em acabar com toda a exploração. Mas a vida agrícola dos montanhese fora destruída sem esperança de retorno, as suas habitações eram varridas, o equipamento das minas tinha devorado milhões de dólares, assim como a compra do material rolante, e a construção das estradas e dos caminhos de ferro. Custasse o que custasse as Companhias quizeram recuperar o perdido, manter uma percentagem de lucros possível e para isso só dispunham dum meio: comprimir cada vez mais os salários dos mineiros, reduzir ao extremo a parte deles, rarificar o trabalho.

Contudo não deve julgar-se que a fonte dos benefícios tivesse secado por completo. No exercício de 1930 a *United States Steels Corporation* (Morgan) pôde distribuir aos accionistas, 72 milhões de dólares de dividendo, e estes chegaram ainda a 60 milhões em 1931. Os benefícios líquidos de Ford na exploração do Kentucky elevam-se a 47 milhões de dólares no mesmo ano. Até 1930 a *Peabody Coal Co.* encaixa anualmente mais de 2 milhões de dólares de ganho, variando os da *Consolidation Coal Co.* entre 3 e 4 milhões de dólares.

Entre 1924 e 1927, quasi todos os meses notificam aos mineiros uma nova diminuição de salário. Deste modo, sucedem-se as reduções até princípios da primavera de 1931, no decorrer da qual se contam duas. Paralelamente vai diminuindo o número de dias de trabalho, os homens só trabalham quatro dias, dois por semana, algumas vezes um só. As poucas vantagens concedidas pelas Companhias na época do «bun» foram-lhe retiradas uma a uma. Vejamos, em parte, de que maneira.

O salário do mineiro é determinado pelo peso do carvão extraído e carregado depois nas vagonetas. Quando da exploração intensiva das minas, os mineiros conseguiram obter que os fiscaes encarregados de pesar a produção individual, os *checkweighmen* fôsem homens sindicados,

Quando sobreveio a crise esses fiscaes foram suprimidos; a avaliação do peso das vagonetas ficou ao arbitrio das Companhias, sem que se admitisse reclamação alguma; como por encanto, os mesmos homens que extraíam cotidianamente 4-400 libras inglesas de carvão viram, no mesmo tempo, ser avaliada a sua produção em 3.400 libras. Trapaça na produção, diminuição dos dias de trabalho, reduções sucessivas dos salários. As Companhias, porém, ainda tinham outros meios de esbulhar os mineiros. Ao passo que dantes tinham direito a efectuar as suas compras nos armazens da cidade, então foi-lhe imposta a obrigação de se fornecerem exclusivamente nos Economatos das Companhias. Os salários foram-lhes pagos, não em dólares nem em cents, mas sim em «scrips» isto é em vales de crédito sobre o Economato da Mina, onde o preço das mercadorias é 25 a 150% superior ao preço das mesmas mercadorias no comércio privado. O calçado que na cidade custa 1 dólar e 98, custa 5 no Economato. Um saco de farinha tarifado por 60 cents na cidade, custa nos Economatos 1 dólar e 20 e por vezes 1 dólar e 50.

Em alguns campos, a obrigação de reservar a sua clientela ao Economato da mina é absolutamente rigorosa: avisos afixados por toda a parte, previnem as famílias de que os homens serão despedidos, se se provar que a dona de casa faz a mínima compra nas lojas. Noutros campos tal obrigação não é expressa. Mas quando o salário em «scrips» não é totalmente absorvido pelo Economato, o mineiro é chamado aos escritórios e, aí um empregado especialmente encarregado deste género de fiscalização, diz-lhe mais ou menos isto: «Se tem empenho em comprar mais barato noutra parte, pode fazê-lo, mas nesse caso, se continua, pode também procurar trabalho noutra parte». Em regra o Economato não fornece, mercadorias senão em pacotes de 25 cents, sendo portanto impossível à dona de casa dividir as despesas à sua vontade. Flagelo para os mineiros, esta instituição dos Economatos é para as Companhias fonte de enormes rendimentos. Pôde calcular-se que as despesas gerais aferentes à exploração dum mina, são inteiramente cobertos pelos lucros assegurados pelo Economato.

### A vida do mineiro em Harlan

As frágeis barracas construídas «provisoriamente», não foram, evidentemente, substituídas por casas decentes e nunca beneficiaram da menor reparação. Colocadas no solo estreme, sem alicerces, ou assentando sobre quatro grossas pedras, construídas de madeira mal esquadriada, com papel alcatroado à guisa de telhado, com papel nas janelas à laia de vidraças, compõem-se de duas, três ou quatro pequenas divisões, nem sempre iluminadas a electricidade e muito raras vezes munidas de gás, água corrente ou das comodidades que a hygiene requer. No interior destas barracas, duas caixas de madeira, uma celha, e um colchão coberto de velhos trapos, constituem a mobília ordinária do mineiro.

«No campo de Fox Ridge, escreve Mrs. Adelaide Walker que, ao lado de Teodoro Dreiser, fez um inquérito em Harlan, a única casa onde a água não atravessa o telhado quando chove é o estábulo do director. Nenhuma casa de mineiro possui dispositivo «sanitário»; em parte alguma há canalização. As três fontes que fornecem a água encontram-se a uma distância muito grande da cidade, estão todas contaminadas e ocasionaram, no último verão, uma epidemia tifóide. Além destas fontes, há um regatinho que passa pelo meio do campo, mas seca no estio e, quando corre, é impossível tirar-se de cada vez mais dum chicara de água».

Vestidas de andrajos, quasi todas desprovidas de roupa branca e de baixo, as crianças e as mulheres andam descalças. Por falta de calçado muito poucas crianças frequentam a escola; durante o inverno os intrépidos teem de pisar a terra gelada descalços. Quando os membros da Comissão Dreiser interrogaram os mineiros souberam que a maioria da população obreira só vestia roupa velha dada por caridade.

O fundo da alimentação consiste principalmente em feijões cozidos em água, e naquilo a que chamam *bull dog gravy*, que é um molho de água, farinha e gordura.

Com algumas fatias de pão negro, algumas vezes com um pouco de toucinho rançoso, no verão com cabaças de água, as famílias não consomem outra coisa; é tudo o que o mineiro leva no cabaz para almoçar na mina. Felizes ainda daqueles que podem comer à farta feijões ou *bull dog gravy*. [Raras são as casas onde se faz mais dum refeição ao dia! Nesta bacia mineira, o leite é quasi desconhecido. «Nunca há leite, escreve Mrs. Walker, nem mesmo condensado, para as crianças. Desde a mais tenra idade sujeitam-se as crianças ao regimen dos feijões e do *bull dog gravy*. Só uma vez, e num único campo, é que vimos vacas; todavia por falta de forragem, o leite secara-lhes».

Quando o mineiro quer receber em sua casa parentes ou amigos tem de pedir autorização no escritório da Companhia. Quando se dá um talecimento na família, tem de prevenir a

directão, a qual superintende exclusivamente no arranjo dos funerais. Na ocasião das eleições, deve dirigir-se ao Economato e depositar o boletim de voto em nome do candidato designado pela Companhia. A correspondência é-lhe entregue aberta por um empregado da Companhia.

### Organização Sindical

A partir de 1897, encontramos vestígios de organização sindical entre os mineiros do Kentucky. Em 1899, o sindicato agrupava 2.000 membros, em 1900, 4.000.

Em 1917, a *United Mine Workers*, filiada na American, Federation of Labor (e que no período compreendido entre 1900 e 1920 contou nos Estados Unidos mais de 467.000 mineiros) vem a Harlan sustentar os mineiros em greve. É o momento em que o patronato tem particularmente necessidade de mão de obra, em que se mostra conciliador: os grevistas obtem um contrato de trabalho, a liberdade de comprar onde bem lhes parece, a fiscalização de toda a produção pelos seus *checkweighmen*. Quando retomaram o trabalho (notemolo de passagem) fez-se um novo contracto e os *checkweighmen* desapareceram.

(Conclui no próximo número)



... e atiraram-se ao trabalho nas entranhas das montanhas

## OS NOSSOS CONTOS

Inédito de Reporter X

Um caso de vocação...

MANUELA não era uma vítima da educação conventual a que os pais a tinham obrigado. Burgueses de finanças equilibradas, na época do casamento — ambiciosos ambos, a guerra exaltou os seus instintos cubicosos mui calmos, mui metódicos — a fortuna, como um balão de oxigénio, tornou-os, socialmente, mais leves do que o ar...

¶ Tinham numerosa prole! Já no baptismo desabafavam os seus planos paternais — dando a cada filho um nome de responsabilidade — como quem etiqueta marcas industriais. Ali a única indústria, posto que os interesses monetários estoravam de satisfeitos, era a da vaidade. Eles tinham uma classe social; a riqueza levaria-os a desertar dessa classe; quedaram-se em altitude, forasteiros sempre de todos aquêles que assaltavam — estrangeiros até na sua própria categoria burguesa...

A Religião, a Igreja Católica — era, para eles, um caminho a essa vaidade. Roma e o Pontífice, representavam um émulo, menos pagão, de Paquin, da Rue de la Paix. Precisavam ligar-se, numa aliança segura, com a Religião: 50 por cento pelos interesses da terra — outros 50, pelos interesses do Céu, de cujo julgamento eles, sem advogado de confiança, sem intermediários conhecidos — estavam, mui logicamente, suspeitosos...

¶ Conseguir que um dos seus filhos varões entrasse num seminário, depois de terem fechado os olhos às gorgetas fabulosas dadas às *vedettes* de revista e terem sorrido às facturas da N..., para o mobiliário

dos seus lares de prostituta barata — não era deliberação para gente habituada a resalvar, com bom senso, os problemas da vida — e até os da morte! ¶ Conseguir exportar para qualquer convento da Galiza, uma das filhas — já se lhes afigurava empresa mais fácil!

De todas — havia uma — Manuela, que parecia destinada ao sacrificio. ¶ Manuela nunca quisera ir a bailes; cumpria, disciplinadamente, todos os seus deveres de católica; era reservada; esquivava-se a todos os convívios mundanos; preferia quedar-se a ler os seus livros puros — do que a acompanhar as irmãs às festas mais tentadoras; silenciava-se quando todos discutiam em côro, e soltavam uns *ais* tão enigmáticos que eram como que uma confidência das suas inclinações religiosas!

¶ Nunca tivera um namoro — nem sequer sentira tentação para tal — sendo ela de uma formosura do sol do meio dia! ¶ Que melhor prova — ou que melhor pretexto — de que essa abstinência a todos os direitos de viver — para a entregar ao Senhor?

¶ Quando pronunciaram a palavra convento, ante Manuela — Manuela replicou como quando a uma apaixonada dizem: casaste! ¶ E Manuela entrou num convento da Galiza — e professou! ¶ A própria Madre Abadessa segredou que nunca conhecera vocação como aquela — nem indiferença mais gélida por todos os prazeres terrestres!

E não se enganava a Madre Abadessa! Manuela — perdão — Sórora Manuela de Jesus amava a Virgem Maria com um amor tão

puro, delicado e honesto — que o próprio amor filial e fraternal de que não fugira ainda se lhe afigurava um sacrilégio, uma traição! ¶ A quantas penitências se sujeitou Sórora Manuela de Jesus — só porque, no isolamento da cela, se recordava ainda de seus pais e de seus irmãos!

¶ Mas Manuela, a pesar da opinião experimentada da Madre Abadessa — não era um caso único! Pouco tempo depois da sua entrada no convento — surgiu, nos claustros, um caso idêntico. Chamava-se Sórora Maria da Cruz, tinha a mesma idade de Sórora Manuela, e também era portuguesa. Eram gémeas na vocação, no horror ao mundo, na insensibilidade ante os homens. Naturalmente dois fenómenos tão puros de misticismo — acabavam por se tornar um só fenómeno.

As outras freiras, mais frágeis e menos sacrificadas, olharam-nas com aquêles respeito que nos merecem todas as realidades para as quais não dispomos de forças suficientes e afastavam-se. ¶ E no claustro, à hora do *banho de ar* — que é o único banho permitido nos conventos — Sórora Manuela e Sórora Maria sirandavam à parte, sempre no mesmo diálogo, indiciável pelas outras.

¶ As suas celas eram vizinhas! E uma manhã foram avisar a Madre Abadessa de que essas celas, estavam vazias! ¶ E logo a Madre Abadessa acusou certos tenórios que rondavam o convento! ¶ Calúnia! ¶ Elas tinham fugido sem tenório; elas tinham fugido sòzinhas!

REPORTER X

¶ Terão algum dia escutado, aquêles que me lêem, o poeta da fraternidade? ¶ «Assistiremos ao abraço fraternal dos povos e das raças, sob os céus definitivamente calmos?»

¶ Terão algum dia sonhado com a Cidade do Amor, a Nação de Amor, a Terra do Amor? ¶ Com o amor unido e fundindo os povos, guiando-os pelas vias santas da Livre Inteligência, do Acôrdo Mutuo da Cooperação no trabalho e na vida, em vez do furioso «*Struggle for life*», da dilaceração do suposto inimigo, da concorrência, da luta de classes, de raças, de sexos, de povos, de nações, de alfândegas?

¶ Terão um dia, sequer, sonhado com o nascer de uma aurora rutilante de Paz, de Bem-social, de Libertação do Indivíduo, de integração do Indivíduo no meio social, sem o macular, sem o fazer perder o que em si consubstanciava de próprio, de seu, de espontâneo, de inédito, de peculiar?

É bem doloroso ter sonhado, na epopeia febril do nosso idealismo, tudo isto. Quando os homens não são suficientemente Nietzohes, suficientemente selvagens, não têm uma força interior capaz de resistir ao avassalamento colectivo, são vencidos, sem lágrimas e sem dor, pela torrente que tudo arrasta.

## ¿Que faremos?

Quando eles, porém, são consciências — têm de chorar, como Romain Rolland na Suíça, ante o espectáculo de uma Europa em chamas — lágrimas internas bem escaldantes.

¶ Terá de ser esta a nossa atitude, a dos homens que sonharam e que prégarão, com o ardor dos apóstolos da Galileia, a liberdade e a solidariedade humana?

¶ Teremos de nos isolar, de fugir para longe, levando connosco a candeia acêsa da Idea pura, para resistir à influência torturante, para manter acêsa a luzinha débil da nossa candeia? ¶ Será esta a nossa atitude, será esta a atitude dos homens dinâmicos?

Romain Rolland chorou na Suíça lágrimas interiores. Uma Europa a arder, crepitante chocou-lhe o sensível coração. Fugiu como se fôra para longe do espectáculo.

Mas a sua atitude tem um significado heróico e um princípio dinâmico. Foi uma posição tomada por um general do exército da paz.

A sua figura, serenamente desesperrada, fêz vibrar, num anseio de fraternidade, gentes numerosas.

Mas, notemos bem, a atitude de Romain Rolland, teve um princípio dinâmico. Foi, contra a guerra, um dos mais temíveis bombardeios. Não foi fuga, deserção, nem, covardia; antes, o mais sólido dos ataques: o ataque da Inteligência.

¶ E nós? ¶ Nós: os soldados do Bem, do Amor, da Verdade, da Justiça, da Fraternidade; nós os soldados dos eternos anseios humanos — que faremos?

Mãe: com dor pariste o teu filho, com amor, muito amor, amor divinamente animal, o criaste. Gozaste, quando para ele sonhavas um Eden terrenal. Gozaste, quando pensavas que ele viria, na vida triunfante, a ser um personagem. Gozaste, com a unção maternal da filha de Scipião, que queria, no futuro, lhe chamassem «mãe dos Gracos». ¶ Vê serenamente o espectáculo desta Europa e, depois, inculca. — ó Mãe — no teu filho, o germen fecundante da Fraternidade — o germen da Paz!!

J. P. L.

# Homens & Factos do Dia

(CONCLUSÃO)

o remate do seu romance — se a vida e a morte não lho regalassem, tão funestamente e fantástico como a imaginação do romancista o teria exigido...

Ora bem...

Estou vendo de aqui o leitor franseir o sobreolho, intrigado ante o objectivo, secreto ou não, que me levou hoje a evocar uma tragédia camiliana — sem o pretexto de um oportunismo indispensável a todos os trabalhos jornalísticos... ; Podem supor que fui vítima de um esgotamento completo de inventiva; que me faltou assunto de actualismo; que fui picado pela traça da mândria — preferindo requeutar um velho prato a cosinhar uma nova iguaria. Equivocam-se...

A evocação do romance de Fanny e José Augusto Pinto de Magalhães não me saiu da pena por sanambulismo... Tem o seu pretexto, a sua actualidade — o seu oportunismo... Ei-lo:

Há muito que me dedilhava o espírito — uma romântica e macabra curiosidade... Podia, por hipócrita pudor, jurar-lhes que essa curiosidade era puramente profissional... Mentia, se o dissesse. Era uma curiosidade tão pessoal como de reporter...

Sabia que o cadáver de Fanny Owen fora embalsamado e guardado num ataúde de tempo de cristal. ; Portanto — tudo me levava a crença que esse cadáver vivia ainda — porque há mortos que vivem e mortos que morrem, irremediavelmente! A ideia de conhecer como quem esprieta o leito de uma virgem adormecida, o rosto de essa desgraçada, herotina da mais pungente tragédia de amor, da galeria camiliana — despertou em mim esse desejo desenfreado, talvez doentio, de todas as grandes realidades impossíveis. ; Mas onde teriam occulto o corpo de Fanny? Em que cemitério teriam guardado, há quasi oitenta anos, esse cadáver adormecido em plena juventude. De pista em pista — farejando em todos os investigadores que têm espiolhado a obra e a vida do autor genial do «Judeu» — encontro, por fim, no «Camilo em perfil», de António Cabral — a seguinte revelação:

«Mal cuidaria o Mestre (Camilo) que os seus restos iriam, mais tarde, dormir o sono eterno quasi ao lado dos de Fanny, no cemitério da Lapa, onde jazem ainda hoje»...

E em nota, acrescenta que o cadáver embalsamado de Fanny, encerrado em caixa com tampa de cristal, repousa naquele cemitério, no jazigo de D. Rita Victoria Duarte Guimarães, viúva de Manuel José Duarte Guimarães...

Finalmente! Podia debruçar-me sobre a beleza da pobre Fanny Owen, ve-la tal como José Augusto a deixara, há oitenta anos — formosa e loura, toda sulcada ainda pelos vestígios com que o seu martírio a chancelava. ; Era reviver, participando — o velho e triste romance de amor!

Ilusões que poucas horas poriam os nervos em vibração! Fui ao cemitério da Lapa — interrogué os seus funcionários. ; Assisti à consulta dos livros! ; Era ler o impossível contentarem-me porque... o jazigo em questão já não existe! ; Ou antes: existe mas a Ordem vendeu-o e o novo proprietário, já se vê, mandou limpar a sua nova propriedade, arrancou de ela todos os cadáveres ali guardados — e ninguém sabe para onde foi parar o corpo da infeliz Fanny!

Chegamos ao grão...

Porque se vendeu o jazigo onde repousava o cadáver de Fanny? ; Porque a família a que pertencera se extinguiu sem herdeiros que pedissem contas — e a Ordem apressou-se a fazer dinheiro com a sua venda!

Não sou dos que sofrem de uma sensibilidade exagerada pelo destino dos cadáveres. Existia ou não a alma — o corpo que perdeu a sua essência de vida, é matéria sórdida que só se purifica podrificando-se no seio da terra-mãe! Mas isso não me impede de respeitar, como sagrada, a vontade daqueles que, às vezes com sacrificio e como ilusão de uma eternidade na terra, paralela à dos céus, mandam edificar um jazigo para que, depois da morte, predurem à mão de sensar dos vivos e numa estreita vizinhança com os cadáveres dos entes que lhe foram queridos... Pense eu como pensar sobre estes assuntos — não posso deixar de me insurgir contra este sacrilégio dos cubiçosos de dinheiro... ; Um jazigo só pode ser esvasiado por interesses fortes e colectivos, quando esses interesses exijam que o derrubem! ; Do contrário — nunca!

Mas se o caso de Fanny deu pretexto a focar este problema — ele não é único! ; Os diários do Porto — por mais de uma vez — e a última há pouco tempo — tocaram inconscientemente a campainha de alarme publicando um anúncio onde se aleioavam, em boas condições, velhos jazigos do Cemitério da Lapa!

Eis um aspecto da tão badalada questão da Ordem da Lapa — que não tinha sido ainda arrastada para o redondel da exhibição — e que não é dos menos graves! ; Que reflitam sobre ele os que têm jazigos nesse cemitério e os que pensam comprar algum... em segunda mão!

E agora já os senhores sabem porque motivo vos ressuscitei o drama camiliano de Fanny Owen...

Reporter X

**DR. A. SANTOS AMARAL**

MÉDICO

Rins e Vias Urinárias — Sifilís

CLÍNICA GERAL

Consultas das 15 às 20 horas

Telef. 5785 R. Bomjardim, 262-A PORTO

## ¿Nos manicómios há homens sãos?

(CONCLUSÃO)

graves e trágicos folhetins — por detrás dessa Bastilha para loucos, que é o Hospital do Conde Ferreira — Bastilha que não resistirá, pela certa, ao «14 de Julho» dum jornalista que a assaltasse, de pena em riste! ; Declaro mesmo que não abdicasse meu «14 de Julho»! ; Ele virá — essa vos garanto eu!

E quanto aos outros, aos que compõem a família do interdito e que, assinam comunicados nos jornais evocando o meu nome — embora sem mentirem — mas sem meu consentimento; se esses outros merecem tratamento jornalístico — nós cá estamos e intransigentes, como sempre...

REPORTER X

## A CARAVELA

É este o título que o nosso amigo Luis A. Barato L. Carvalho, deu ao seu novo estabelecimento sito à Rua Cedofeita 78-80, onde os apreciadores do delicioso néctar terão ocasião de encontrar o que há de melhor em vinhos verdes e maduros comprados na procedência. Nesta casa há a qualquer hora um esplêndido serviço de restaurante por preços assueivos às bolsas mais modestas. Todas as quintas-feiras a célebre Feijoada à Brasileira. Cumpre-nos destacar, que na sua secção de mercearia fina tem à venda o célebre café Caravela.

## Cadeiras modernas para barbeiro

SISTEMA AMERICANO

Fabrico nacional — A melhor e mais barato



PORTO-EDMUNDO

Bancos para engraxador. Aparelhos de metal. Instalações modernas. Dão-se orçamentos

Preferi a indústria nacional

Rua do Paraíso, 254 — PORTO



# EUROPÊA

## COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1922

SEGUROS DE INCÊNDIO  
SEGUROS MARÍTIMOS  
SEGUROS DE CAUÇÕES  
SEGUROS DE AUTOMÓVEIS  
SEGUROS DE ACIDENTES DE TRABALHO  
SEGUROS DE ACIDENTES INDIVIDUAIS  
SEGUROS DE ROUBOS E DE TUMULTOS  
SEGUROS DE RESPONSABILIDADE CIVIL  
SEGUROS DE MERCADORIAS E BAGAGENS EM  
SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO

SEDE EM LISBOA — Rua Nova do Almada, 64, 1.º — TELEFONE, 20911

Representada no Pôrto pela firma: — JOSÉ DA SILVA REIS & C.ª, SUCESSORES  
Rua da Fábrica, 5 — Telefone, 631

# “L'INVIOLOABLE,,

### SOLDA-PAPEL

Notas de Banco, folhas de livros,  
manuscritos, partituras, discos  
de gramofone, etc., etc., tudo será  
reparado com L'INVIOLOABLE



Devido à sua absoluta trans-  
parência L'INVIOLOABLE  
deixa os textos tão legíveis  
como antes da sua aplicação.

L'INVIOLOABLE não é uma cola mas sim uma SOLDA

Depositários gerais em Portugal:

**REIS & C.ª EM C.ª** (POR ACCÕES)  
**PAPELARIA REIS**

150, Rua das Flores, 160 — PORTO



**Preço**  
**9\$50**  
**CADA TUBO**

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA